

Combate do Passo Guarayo*

Combate del Paso Guarayo

Aldeir Isael Faxina Barros

Pesquisador autônomo que se dedica aos estudos sobre a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, mais especificamente no tocante à guerra fluvial. Possui publicações em eventos regionais, internacionais e periódicos ligados à temática.

RESUMO

Visando neutralizar a Marinha paraguaia, foram efetuadas, no decorrer do ano de 1869, três expedições fluviais para destruir ou tomar os navios restantes dessa Armada, que estavam postados no Rio Manduvirá. Neste rio e em seu afluente Yhaguí, encetou-se o último embate direto entre a Marinha Imperial Brasileira e forças consideráveis paraguaias, sendo o objeto de estudo deste trabalho pormenorizar e analisar os fatos que ocorreram no combate que se deu durante a retirada da Flotilha Imperial, onde durante o segundo intento de destruição das naves paraguaias, no Rio Yhaguí, ocorreu um renhido combate entre a Esquadilha expedicionária e Forças Terrestres paraguaias, que tentavam embargar-lhes a passagem, com o intuito de abordar as belonaves imperiais em um ponto denominado Passo Guarayo, local que acabou por dar nome a este combate. O insucesso obtido por parte das tropas paraguaias pode ser atribuído principalmente às discordâncias na cadeia de comando local, que não se aproveitou de todas as oportunidades que o terreno propiciava.

PALAVRAS-CHAVE: Abordagem naval; Manduvirá; Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai

ABSTRACT

Con el fin de neutralizar a la Marina Paraguaya, se efectuaron, en el transcurso del año 1869, tres expediciones fluviales para destruir o tomar los barcos restantes de esa Armada, que estaban ubicados en el Río Manduvirá. En este río y en su afluente, Yhaguí, se inició el último embate directo entre la Marina Imperial Brasileña y fuerzas considerables paraguayas, siendo el objeto de estudio de este trabajo, detallar y analizar los hechos que ocurrieron en el combate que se produjo durante la retirada La flotilla imperial, donde durante el segundo intento de destrucción de las naves paraguayas, en el Río Yhaguí, ocurrió un riñido combate entre la escuadrilla expedicionaria y fuerzas terrestres paraguayas, que intentaban embargarles el paso, con el propósito de abordar las belonaves imperiales en un punto que se llamaba Paso Guarayo, lugar que acabó por dar nombre a este combate. El fracaso obtenido por parte de las tropas paraguayas puede ser atribuido principalmente debido a las discordancias en la cadena de mando local, que no se aprovechó de todas las oportunidades que el terreno propiciaba.

PALABRAS CLAVE: Abordaje naval; Manduvirá; Guerra de la Triple Alianza contra el Paraguay.

*Artigo recebido em 29 de janeiro de 2020 e aprovado para publicação em 06 de maio de 2020.
Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 16, nº 31, p. 9-24 – 2020.

INTRODUÇÃO

Após a rendição da fortaleza de Angostura, uma Esquadilha foi formada com o intuito de levar parte do Exército aliado para se apossar da capital paraguaia, Assunção. Um destacamento partiu por terra visando o mesmo objetivo. A cidade se encontrava deserta, posteriormente se transformou em base das operações que se desenrolaram na região das cordilheiras. A Marinha Imperial Brasileira foi incumbida de neutralizar o restante da Esquadra inimiga que, segundo depoimentos colhidos de desertores e prisioneiros, havia rumado para o Rio Manduvirá, situado ao norte da cidade de Assunção na margem esquerda do Rio Paraguai.

A Esquadra em operações, que nesse período ainda estava sob o comando do Vice-Almirante Joaquim José Ignácio (Visconde de Inhaúma), foi informada que, dias após a tomada da capital, um vapor paraguaio desceu até às proximidades de Assunção em missão de reconhecimento. Diante dessa situação, alguns navios foram enviados para a foz do Rio Manduvirá com a missão de bloquear a saída de qualquer embarcação, evitando assim uma possível surtida da Esquadra paraguaia, como, por exemplo, uma tentativa de abordagem.

Para neutralizar tal ameaça, foi confiada a Delfim Carlos de Carvalho (Barão da Passagem) uma Esquadilha formada por cinco monitores, o Encouraçado *Bahia* e as Canhoneiras *Ivaí* e *Mearim*. No dia 6 de janeiro de 1869, só os monitores entraram no rio, por ser praticamente impossível entrar as outras embarcações.

O Barão da Passagem tomou o Monitor *Santa Catarina* como capitânia e investiu o canal sinuoso e com densa mata ciliar que recaía sobre o leito do rio. Os navios paraguaios logo foram avistados ao longe, mas as inúmeras voltas do rio fizeram com que as embarcações só depois de muitas horas de navegação chegassem a esse local, quando as naves inimigas já tinham se

adiantado muito. Obstáculos foram deixados pelo caminho pelos retirantes, que afundaram vapores, reboques, canoas e tudo o que estorvava a marcha.

No dia seguinte (7), a Esquadra paraguaia tomou um afluente do Rio Manduvirá (Arroio Yhaguí¹, que do Guaraní significa: “rio que corre sob as sombras” devido, provavelmente, à densa floresta presente em suas margens), ainda mais estreito e sinuoso. O Barão da Passagem avançou com seus navios até encontrar o Vapor *Paraguari* a pique, de modo transversal ao canal do rio, impedindo a navegação. Assim, a Esquadilha Imperial retornou à foz do Manduvirá e logo em seguida à Assunção. Ao todo foram três expedições navais com o intuito de destruir ou apresiar a Esquadra paraguaia, sendo a mesma destruída por seus próprios marinheiros quando da aproximação do Exército aliado próximo à Cidade de Caraguatay.

SEGUNDA INCURSÃO NAVAL

Após a saída do Marquês de Caxias e do Visconde de Inhaúma, o Conde D’Eu e o Chefe de Esquadra Elisário Antônio dos Santos assumiram seus respectivos cargos. Devido uma extraordinária cheia dos rios, provocada pelo regime de chuvas, se planejou uma nova incursão pelo Rio Manduvirá. Para tal, o chefe de esquadra notificou o comandante da 1ª divisão, Victorio José Barbosa da Lomba, sobre a nova incursão em caça aos vapores inimigos. Foi escolhido para a chefia da Esquadilha o comandante do Encouraçado *Colombo*, o Capitão de Fragata (CF) Jerônimo Francisco Gonçalves que, com a Corveta *Belmonte*, bloqueava a foz do Manduvirá.

Em 2 de abril de 1869, por determinação superior, foi dado início aos preparativos da nova incursão em busca dos vapores. Em torno do *Colombo* se acercaram três lanchas a vapor para que recebessem suprimentos e materiais, dentre estes “um canhão de 12 libras na Lancha *João das Botas*” (GONÇALVES, 1942, p. 476). “A 6 de abril já estavam

em andamento os preparativos, pernoitando o Chefe (Gonçalves) no Monitor *Santa Catarina*, a fim de observar melhor os aprestos e a disciplina” (GONÇALVES, 1942, p. 475-476). Os Monitores *Ceará* e *Piauí* também foram devidamente preparados.

A Esquadilha estava composta pelos Monitores *Santa Catarina* (capitânia) comandado pelo Primeiro-Tenente Antônio Severiano Nunes rebocando a Lancha a vapor *Couto* (guarnecida pelos marinheiros do Encouraçado *Colombo*); *Piauí*, comandado pelo Primeiro-Tenente Carlos Balthazar da Silveira; *Ceará*, comandado pelo Primeiro-Tenente Antônio Machado Dutra; e mais as lanchas a vapor *João das Botas*, comandada pelo Primeiro-Tenente Gregório Ferreira de Paiva, e *Jansen Muller*, sob o comando do Segundo-Tenente Affonso Augusto Rodrigues de Vasconcellos.

A entrada da Esquadilha ocorreu no dia 18 de abril de 1869, às 6 horas, onde, segundo Carlos Balthazar da Silveira, na época comandante do Monitor *Piauí*: “corríamos para o desconhecido; navegávamos em um rio (se assim lhe podemos chamar) em que os nossos práticos (Thomaz Almuri, Araújo e Bernardino Gustavino) nunca haviam entrado e nunca tinham ouvido mencionar” (SILVEIRA, 1900, p. 71). A ordem de marcha seguiu a descrição dos navios supracitada. Sobre as condições de navegação, o Visconde de Ouro Preto mencionou que “as múltiplas sinuosidades do rio e arroios, tantas e tais que ainda na tarde do dia 20, depois de mais de um dia de viagem de sol a sol, do alto dos mastros da *Araguari* (capitânia de Lomba – há certa discordância entre as fontes, sendo que algumas mencionam ser a *Araguai*, o que é mais provável) se via, por entre a vegetação da margem, os monitores e depois a fumaça (expelida) das chaminés” (FIGUEIREDO, 1981, p. 405).

As dificuldades da navegação em tal rio ficaram explícitas no relato de Silveira (1900, p. 71): “a sua largura era tal que parávamos

constantemente as machinas, para cotar galhos de árvore que ameaçavam derrubar as chaminés, e os mais baixos arrancavam os ferros dos toldos e as respectivas castanhas de um e de outro bordo”. Além da vegetação, sinuosidade do canal, bancos de areia e pequena profundidade, obstáculos submersos faziam com que os monitores “de quando em quando encalhavam com a proa ficando ella presa entre grossos troncos de árvores” (SILVEIRA, 1900).

Na parte oficial do Comandante Gonçalves se encontra que “desde o dia 21, fomos acompanhados por força de cavalaria [...]. Depois soube-se ser o 7^o (regimento?) com um pessoal de 700 a 800 praças” (JORNAL DO PARÁ, 02/06/1869). Quando os navios fundeavam à noite, eram cuidadosamente vigiados, segundo Bormann (1987, p. 15), os paraguaios “não os hostilizaram na ida, na esperança de conseguirem cortar-lhes a retaguarda e de massacrar as guarnições completamente na retirada”. O que é crível, ao se analisar os fatos posteriores.

Silveira (1900) mencionou que, “pela margem esquerda do rio, éramos acompanhados por um piquete de cavalaria, que ora sumia-se para aparecer mais longe, e ora aproximava-se para melhor reconhecer os nossos movimentos”. O modo como a Esquadilha avançava era o seguinte: “navegávamos com a claridade do dia e ao escurecer amarrávamos os monitores a grossas árvores da margem direita, de forma a podermos passar de um para o outro e nos defendermos reciprocamente, no caso de um assalto” (SILVEIRA, 1900, p. 72). Apesar dessas medidas, houve uma tentativa de abordagem na quinta noite de viagem (dia 22), que foi repelida, como informou o mesmo autor, sem acrescentar pormenores.

No dia 25, os navios se depararam em um passo² do rio com um grupo de pessoas, na maioria mulheres, atravessando da margem direita para a margem esquerda. Gonçalves ordenou içar bandeira branca, mas

o grupo fugiu. Nesse mesmo dia, a flotilha deteve sua marcha às 16h, devido não haver mais água para os monitores. “Este rio (Yhaguí) é muito pouco profundo; apenas uma a uma e meia braças. Não podemos seguir mais por ter o *Santa Catarina* tocado a proa, encostado na curva do rio a EB (estibordo) em dois pés de água, apesar de se haverem cortado as árvores em que tocava com a popa” (JORNAL DO PARÁ, 02/06/1869).

Nos navios “começavam a manifestar-se [...] grandes faltas, tais como de azeite (para iluminação), carvão, graxa e mantimentos” (TAUNAY, 1926, p. 27). Além disso, a Flotilha necessitava de “um maquinista em substituição ao do *Piauí*, que morrera afogado, e três foguistas” (JORNAL DO COMMERCIO, 26/05/1869). Segundo a parte oficial de Gonçalves, no início do dia 25 foi ordenado que as Lanchas *Jansen Müller* e *João das Botas* fossem expedidas³ para a foz do Manduvirá com um ofício relatando a situação da Esquadilha e solicitando suprimentos, pessoal e uma ordem do Chefe Lomba para, se necessário, se retirarem, visto que não o faria sem expresso consentimento do mesmo. Contava Gonçalves que essas provisões chegariam no dia 29, para então empreender continuidade à perseguição dos navios, se o nível das águas do rio assim permitisse.

Gonçalves relatou ainda que desde a véspera (24) já se avistava a Vila de Caraguatay e os mastros dos seis vapores paraguaios, “estes encalhados, escorados e adernados” (GONÇALVES, 1942, p. 476). A distância do ponto onde a Esquadilha foi forçada a estacionar até onde se encontravam os navios inimigos, em linha reta, distava cerca de duas milhas⁴ e cerca de cinco milhas da Vila de Caraguatay, segundo Gonçalves. Balthazar da Silveira assim relatou: “fundemos, e por conselho de um *paraguayo* que estava a bordo do *Santa Catharina*, fomos na lancha sondar um passo que distava uns cem metros de nós. Ahi achamos quatro pés e meio de água e os monitores calavam seis; como prosseguir?” (SILVEIRA, 1900, p. 72).

DESCIDA DA ESQUADRILHA

Gonçalves, em sua parte oficial, relatou que o rio já havia baixado duas braças até o dia 25. Temendo não poder retroceder se permanecesse no ponto mais um dia, resolveu volver a um passo do rio, que havia observado pela manhã, local em que “demos fundo às 6 horas da tarde em um lugar que servira de passagem a muitas famílias e onde esperara os dois monitores que se tinham um pouco atrasado⁵” (JORNAL DO PARÁ, 02/06/1869). Segundo a parte oficial, era possível visualizar a Vila de Caraguatay e alguns mastros dos vapores, mas não podiam ser hostilizados por estarem muito distantes. Além da distância, “a floresta impediu o tiro” (GONÇALVES, 1942, p. 476).

Desse ponto (passo do rio), Gonçalves planejava esperar os recursos pedidos e a ordem de seu superior quanto à continuidade da missão. Porém, durante a noite do dia 25 se ouviu sem cessar o trabalhar de machados e a derrubada de árvores abaixo de sua divisão. Devido a isso, na madrugada do dia 26 iniciaram a descida. Gonçalves:

Resolvi a 26, contra toda minha expectativa, descer o rio por presumir que o inimigo tentava cortar-nos a retaguarda, como também para tomar posse do Passo Gonzales, único ponto de passagem de gado neste rio [...]. Esse passo é de vão quando o rio baixa e a grandes currais em ambas as margens (JORNAL DO PARÁ, 02/06/1869, p. 1).

A ordem de descida, devido à estreiteza do Arroio Yhaguí, não podia ser outra, senão, “o *Santa Catharina*, que subiu na vanguarda, passou para a retaguarda, o *Piauí* no centro e o *Ceará* que era retaguarda passou para a vanguarda” (SILVEIRA, 1900, p. 73).

Antes de chegar ao passo Gonzales, a Esquadilha se deparou com uma obstrução fluvial, de uma sequência de três, disposta

em meio ao canal do Rio Yhaguí, fora as inúmeras e possantes árvores derrubadas em diversas partes do percurso. Gonçalves: “pouco antes de chegar ai (passo Gonzales) encontramos o rio com grandes árvores cortadas e lançadas no seu leito, o que fora praticado pelos inimigos com o fim de cortar-nos a retaguarda” (JORNAL DO PARÁ, 02/06/1869). Silveira (1900, p. 73) explica que “de machado em punho, abrimos caminho e aproveitávamos a lenha, sem sofreremos a menor hostilidade”.

Em parte mais detalhada, observa-se a dimensão desta primeira obstrução: “encontramos em ambas as margens cortadas grossas árvores e por espaço de cinco braças consecutivas, a fim de entupir o rio e prender-nos. Era trabalho de uma noite executado por muitos paraguaios. Passamos a tempo e salvos porque os interrompemos de madrugada” (JORNAL DO COMMERCIO, 13/05/1869). No dia 26, durante a noite, “o *Santa Catarina* deu um tiro de artilharia e fez bastante fogo de fuzilaria, sendo este acompanhado pelos outros dois monitores, a diversos paraguaios que durante a toda a noite nos observavam, até vindo um escondido por trás da anca de um boi” (JORNAL DO PARÁ, 02/06/1869). Devido ao assédio por parte do inimigo, foi ordenado que a Esquadilha descesse novamente o rio.

No dia seguinte (27) suspendemos donde déramos fundo na véspera às 6 horas e 30 minutos da tarde, e navegamos rio abaixo com a maior presteza que nos foi possível, a fim de obstar outra tentativa por parte do inimigo, mas era tão estreito, e com grandes árvores, muitas vezes em ambas (as margens), que já não nos foi possível passar sem obstáculos (JORNAL DO PARÁ, 02/06/1869, p. 1).

Continuando a navegação, a Esquadilha se deparou com novo arranjo de obstrução:

“noutro ponto encontramos enormes vigas atadas umas as outras com fortes guascas (tiras de couro), e trincheiras em ambas as margens” (JORNAL DO COMMERCIO, 13/05/1869). Sobre esse segundo ponto defensivo, Gonçalves informou que “às 11 horas e 10 minutos da manhã encontramos o rio obstruído com vigas de lado a lado e arvoredos imensos no seu leito, tudo muito bem amarrado, com guascas e cipós por toda a parte para neutralizar o movimento dos hélices, e trincheiras na margem esquerda” (JORNAL DO PARÁ, 02/06/1869).

Os obstáculos foram transpostos “sempre a ouvir golpes de machado!” (JORNAL DO COMMERCIO, 13/05/1869). Ao Monitor *Ceará* coube o trabalho de desobstrução do canal, efetuado a machadinha por sua guarnição, sendo “preciso passar com toda a cautela e mandar a terra um espia (observador) que, chegando à trincheira⁶, ainda encontrara vestígios de que o inimigo saíra do lugar pouco antes” (JORNAL DO PARÁ, 02/06/1869). Com esses obstáculos, segundo Jourdan (1890, p. 188), “buscava o inimigo fazer-nos perder tempo”. Os navios seguiram viagem e fundearam às 19 horas. No dia seguinte (28), continuaram a descer o rio logo pela manhã.

TENTATIVA DE ABORDAGEM AO COMBOIO

As duas lanchas, expedidas na manhã do dia 25, desceram até a foz pondo-se em comunicação com o Chefe de Divisão Lomba e solicitando as requisições feitas por Gonçalves. Chegaram à foz no mesmo dia 25.⁷ No dia seguinte, o Aviso de Guerra *Voluntário da Pátria*⁸ desceu até Assunção para buscar os recursos. “A 26 veio a Assunção o Vapor *Voluntário*, com o ofício do CF Gonçalves, comandante da Flotilha no Manduvirá [...] e subiu no mesmo dia com tudo quanto era necessário aos monitores” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 09/06/1869). O *Voluntário da Pátria* se reuniu às duas lanchas e subiram o rio no dia 27, possivelmente pela manhã.

No caminho (provavelmente no início da manhã do dia 28), o comboio foi surpreendido no Rio Yhaguí em um local denominado Passo Guarayo⁹, onde se estava construindo uma fortificação. As embarcações lograram passar as defesas do ponto, pois, segundo a parte oficial de Gonçalves, o rio ainda não estava obstruído e nem a bateria de artilharia estava pronta, porém as embarcações sofreram uma tentativa de abordagem por ao menos duas canoas. É importante citar que, em suas memórias, Romualdo Nuñez não cita a descida das embarcações, podendo-se deduzir que, quando as duas lanchas passaram por Guarayo em direção à foz, as tropas paraguaias ainda não estavam presentes no ponto com o intuito de fortificar o passo.

Os comandantes da posição eram o Major Montiel, que detinha comando sobre o 7^o Regimento de Cavalaria, e o CF Romualdo Nuñez, a mando do Batalhão de Marinha formado pelos marinheiros desembarcados dos vapores nacionais paraguaios. Nuñez se expressou da seguinte maneira sobre o episódio da subida do comboio: “subiu uma lancha a vapor até os monitores, a qual tentaram capturar com canoas. O tiro saiu pela culatra. O inimigo capturou o Alferes Victoriano (Victorino?) Escato, o Tenente Ángel Fernanadez e o Sargento Martínez” (SAGUIER & MARSAL, 2008). Os prisioneiros, conforme o *Diário do Exército*, foram feitos logo após o combate de Guarayo e não na subida das lanchas. Há aqui uma discordância entre as fontes, pois, ao que tudo indica, na subida do comboio, Nuñez ainda estava presente no ponto.

Na tarde do dia 28, por volta das 14 horas, o comboio encontrou com a Esquadilha informando sobre a existência de um ponto onde defesas estavam sendo construídas e que foi hostilizado com disparos de armas de fogo, resultando em ferimentos em um maquinista e alguns marinheiros, e uma tentativa de abordagem. O CF Gonçalves em sua parte oficial mencionou sobre o dia 28:

Continuamos águas abaixo com mais presteza ainda, para ver se podíamos passar o Porto Guarayo com dia, por quanto já me era ciente que as duas lanchas e o *Voluntário* foram hostilizados nesse ponto por infantaria, com tentativa de abordagem, segundo a parte que me deu o comandante do comboio o 1^o Tenente Gregório Ferreira de Paiva, mas não nos foi possível, tivemos de dar fundo às 07 horas e 45 minutos da noite (JORNAL DO PARÁ, 02/06/1869, p. 1).

COMBATE EM PASSO GUARAYO

Assim que o Marechal Presidente Francisco Solano López soube da nova incursão de monitores no Rio Manduvirá, enviou o CF Romualdo Nuñez a mando do Batalhão de Marinha com instruções de se reunirem ao “regimento de cavalaria (Acá Morotí?) que às ordens do Major Montiel explorava a costa do (rio) Yaguí e de obstruir o Passo Guarayo, ou qualquer outro bastante estreito, a fim de impedir o regresso dos navios inimigos” (CENTURIÓN, 1897, p. 18). A força de cavalaria que observava as embarcações durante toda a digressão da Esquadilha se compunha, provavelmente, de parte do regimento a mando do Major Montiel. Tal atividade servia para gerar uma cadeia de informações sobre a posição e as atividades dos navios durante a expedição. Nuñez relatou que:

Em abril, (o marechal) teve conhecimento que três monitores brasileiros subiram o Yhaguí, até em frente à Caraguatay, e me despachou com meu batalhão para interceptar o passo em seu regresso. Marchamos até aquele ponto, perguntando aos moradores da região o lugar mais acessível para a passagem do rio, todos nos desenganavam ao dizer-nos que não conheciam, devido ao fato de o rio estar muito crescido e ter saído do seu

canal normal mais de uma légua (SAGUIER & MARSAL, 2008, p. 55).

Nuñez acampou com suas tropas no local denominado “Compañia Alfonso”, enviando um alferes com dez soldados portando machados e cordas para verificarem a condição atual do rio. A exploração resultou na confirmação das notícias recebidas dos civis, o rio se encontrava com o nível das águas muito elevado e por se localizar em uma região praticamente plana, as águas se estendiam por uma grande extensão territorial fora de seu curso normal. Enquanto Nuñez planejava o que fazer, um ajudante de campo do marechal apareceu com ordens para que “transpusesse o rio em um ponto chamado Garayo, onde se achava o Major Montiel, da Cavalaria, com instruções idênticas às minhas” (SAGUIER & MARSAL, 2008).

O Batalhão de Marinha então se deslocou para a posição ordenada, chegando ao local, “explorei o lugar, encontrando na margem do rio um córrego com pedras soltas, que com facilidade poderiam ser atiradas (ao canal) para interceptar o passo dos monitores” (SAGUIER & MARSAL, 2008). Contudo, o Major Montiel não levou em consideração essa ideia e agiu do seu modo: “recorre às carretas (carros de boi) dos moradores da zona e as atira ao canal, que era estreito; acreditando assim fechar o passo as naves inimigas, dando conta ao Marechal que eu nada fazia e que os encouraçados “*estaban ya encerrados*”” (SAGUIER & MARSAL, 2008).

Pela madrugada do dia 29, a Esquadilha, composta pelos três monitores, três lanchas a vapor e o *Voluntário da Pátria*, começou novamente a descer o rio em direção às defesas de Guarayo. A Lancha *Jansen Müller* servia de exploradora.

Antes da Esquadilha chegar à bateria, os paraguaios fizeram esforços para lançar dois torpedos (minas navais) na Lancha *Jansen Müller*, em que ia o 2º

Tenente Vasconcellos reconhecer a flutuação de uma viga; este percebe os torpedos, dá sinal ao *Ceará*, que lhe vinha nas águas, e, descobrindo a bateria sobre o rio, sobe a dar aviso à Flotilha, que investe com rapidez todos estes obstáculos (COSTA, 1870, p. 240).

O primeiro obstáculo encontrado pela lancha foi uma possante viga de madeira atravessada no canal. No momento em que foi verificar sua flutuabilidade, foram lançados dois torpedos (minas navais) em sua direção, através de cabos amarrados nas margens, mas não explodiram. Após o combate, um terceiro torpedo foi encontrado em terra, provavelmente não foi colocado no canal por falta de tempo. No *Jornal do Commercio* (13/05/1869) foi registrada a descrição dos mesmos: “torpedos em número de três, dos quais um com cinco arrobas de pólvora e uma bala oca enorme”.

Pereira da Costa (1870, p. 240) descreveu que “a Esquadilha teve de forçar esse passo, já fortificado com uma bateria à barbete de duas peças de campanha, boas trincheiras para fuzilaria em ambas as margens, guarnecidas de 1.100 homens, 900 na margem esquerda e cerca de 200 na outra”. Fora isso, havia abaixo do ponto fortificado “de margem a margem, sobre o rio, três cabos de manilha de grossa bitola, dando volta em grossas árvores, uma grande árvore estendida de lado a lado e várias carretas cheias de pedras no leito do rio” (GONÇALVES, 1942, p. 477).

Gonçalves corrobora o número de soldados inimigos. Sobre as defesas abaixo da bateria: “o rio estava obstruído com grandes árvores, uma amarreta (corrente?¹⁰), três cabos de manilha, cinco carretas atravessadas, vigas por cima delas, pedras, galhos, cipós, etc.” (JORNAL DO PARÁ, 02/06/1869). O objetivo de lançar ao rio tamanha quantidade de cipós e ramalhada era deter o movimento das hélices das embarcações, sendo os materiais tragados pelo movimento circular.

Sobre o primeiro choque da Esquadilha com a posição fortificada:

O navio chefe, o *Santa Catarina*, atravessou-se no rio e os dois outros continuaram a descer. Foi iniciado o fogo: os canhões despejavam lanternetas (tipo de metralha alojada em recipiente metálico cilíndrico) e a fuzilaria certa vez atirava sobre os inimigos, produzindo o pânico e a derrota entre os adversários (GONÇALVES, 1942, p. 477).

A Esquadilha se aproximou cautelosa “ancorando em frente à Guarayo, lançando bombas e metralhas sobre nossas forças, conseguindo ferir e matar a vários” (SAGUIER & MARSAL, 2008). O Monitor *Ceará* tomou a dianteira, os outros navios guardaram distância conveniente para não embarçar o monitor que deveria romper os obstáculos dispostos à frente. Bormann (1897, p. 17) escreveu: “os canhões e a fuzilaria do inimigo, os seus alaridos, e vivas como saudando a vitória que julgam infalível, formam um verdadeiro contraste com a mudez da Esquadilha”. O monitor avançou para romper as defesas:

Ainda é o *Ceará* que abre caminho; avança a todo vapor, estaca por momentos pela resistência dos cabos, rompe-os, porém, corta com seu choque as ramas enredadas e mais abaixo espera sobre rodas seus companheiros de penosa viagem. Esses, debaixo de fuzilaria, não se fazem esperados (TAUNAY, 1926, p. 38-39).

As partes oficiais da Armada aludem a maiores dificuldades: “ao *Ceará* coube a fortuna de ir na frente e ser o primeiro que esbarra-se nas correntes e outros daqueles embarços, sofrendo todavia o desgosto de ver estacado pelos viradores (cabos gros-

sos) que lhe obstam o trabalho dos hélices; tenta cortá-los e o consegue” (JORNAL DO COMMERCIO, 26/05/1869).

Silveira (1900, p. 74), como testemunha ocular, escreveu que “o *Ceará* arrebentou o cabo de manilha e cahio aguas abaixo meio desgovernado por terem-se enrolado em suas hélices pedaços desse cabo”. Segundo o relato de Figueiredo (1981, p. 407), o corte dos cabos foi efetuado pela Marinhagem do monitor sob “vivo fogo, desfechado não só das baterias e trincheiras como dos galhos das árvores”.

Após o *Ceará* investir às defesas, “aproximam-se os demais barcos e graças aos esforços de todos, combatendo uns, trabalhando outros, removidos os estorvos, é transposto o terrível passo” (FIGUEIREDO, 1981). O segundo monitor sofreu danos no forçamento: “o *Piauí* chocou a grande árvore; partiu uma pá da hélice de boreste, um macho do leme, cuja canna ficou torta” (SILVEIRA, 1900, p. 74). Silveira ainda mencionou que o *Ceará* e o *Piauí* forçaram as defesas, logo em seguida retornaram e ancoraram defronte às trincheiras. Na sequência, “desceu o *Santa Catharina* e fundeou pela nossa proa” (SILVEIRA, 1900). Importante reiterar que tanto o *Ceará* quanto o *Piauí* forçaram as obstruções navegando de popa.

O General paraguaio Francisco Isidoro Resquín citou em sua obra que Nuñez fez todo o possível para deter o passo da Esquadilha, “mas veio uma forte e contínua chuva, crescendo o nível do rio, deixando livre o passo aos encouraçados, que sem perda de tempo empreenderam marcha, baixo os fogos que de terra faziam nossas tropas, sem que lhes causassem dano algum” (RESQUIN, 1942, p. 106). Tal versão é corroborada por Centurión (1897, p. 18), que mencionou que a forte chuva “permitiu aos monitores descer sem dificuldades”.

O *Diário do Exército* informou que durante o dia 28 caía uma incessante chuva. Muito provavelmente tal chuva tenha elevado o nível do rio, facilitando, em parte, o trabalho dos monitores

com o aumento da velocidade da correnteza, impelindo rio abaixo parte da obstrução.

Nuñez não estava presente no momento do combate, mas teve contato com sua tropa de marinheiros posteriormente. Sobre o forçamento das defesas descreveu que os monitores “levantaram com aparelho algumas carretas que estavam submersas no canal, e o deixaram expedito” (SAGUIER & MARSAL, 2008). O que é confirmado, em parte, por Gonçalves: “mandei suspender as carretas e meter o machado em uma delas” (JORNAL DO PARÁ, 02/06/1869). Tal procedimento ocorreu após o desembarque das forças brasileiras e o recuo das forças paraguaias.

Fato curiosamente não mencionado no *Diário do Exército* e pouco relatado sobre as ações no Manduvirá foi a abordagem tentada pela quarta vez durante a guerra a navios encouraçados da Marinha Imperial Brasileira.¹¹ O próprio Diário do Conde D’Eu fornece apenas o relato da chegada das informações no dia 1º de maio, nos seguintes termos: “os vapores de López estão definitivamente encalhados. Um deles tentou cortar o passo dos nossos, mas somente conquistou a perda de cinco prisioneiros e, provavelmente, muitos mortos; enquanto nós só tivemos um vapor encalhado” (SOARES, 2017, p. 90). Tal relato é destoante da historiografia do combate, pois em nenhum momento nos demais escritos foi mencionado que os navios paraguaios estavam operativos, tampouco poderiam oferecer combate.

Bormann (1897, p. 16) escreveu que “em nenhuma outra ocasião o Marechal López alimentou tão robustas esperanças de apoderar-se de navios nossos como então”. George Thompson (1968) relatou em seu livro que a maior ambição do marechal era tomar um ou mais encouraçados. As tentativas de abordagem ocorridas em volta do teatro de operações de Humaitá no ano de 1868 comprovam essa assertiva. Jorge Frederico Masterman (1870, p. 309), em sua obra, escreveu sobre a Flotilha brasileira no Manduvirá:

“nada teria sido mais fácil do que a sua captura ou destruição”.

Figueiredo (1981, p. 407) citou que no meio do combate “dos galhos das árvores, em que se colocaram os inimigos, tão ousados, que dali, deixando-se cair procuravam saltar sobre o convés”. Corroborando, Silveira (1900, p. 74) mencionou que além das defesas físicas de Guarayo “o mais importante era o grande número de Paraguayos semi-nús e de espada em punho trepados nos galhos das arvores a espera que passassem os monitores para cahirem dentro (dos conveses) e toma-los”. Sobre esses soldados e a tentativa de abordagem, o relato deste autor é de fundamental importância para se resgatar aqueles momentos:

Ou fosse o troar dos nossos canhões de 120 (libras) raiados, lançando cada um duas lanternetas sobrepostas e bem assim a nossa certa fuzilaria que os caçava nas árvores; ou fosse o terror que lhes infundiam os encouraçados, o certo é que apareceu o pânico entre eles e começaram a cair dentro d’água e a refugiarem-se na margem esquerda [...].

Parece incrível, mas a verdade é esta: matou-se muitos paraguayos com remos dos escaleres, empunhados e manejados por marinheiros postados nas bordas dos monitores, que desfechavam as pancadas quando por perto passavam, nadando em direção a margem (SILVEIRA, 1900, p. 74-75).

Fora os soldados no meio da ramalhada das frondosas árvores, ao que algumas fontes indicam, uma leva de nadadores investiu sobre os navios. Sobre o combate de abordagem: “o quadro é terrível, porque a cada lufada de metralha os corpos dos nadadores se despedaçam e as águas se enrubescem,

mas os que sobrevivem avançam, avançam sempre, nadando com a faca presa aos dentes, para encontrar mais adiante a morte” (BORMANN, 1879, p. 18). A presença de canoas no local do combate indica a preparação dos obstáculos a serem dispostos no canal, quiçá tenham sido utilizadas na tentativa de abordagem aos navios no momento da descida da Flotilha. Menciona-se que cem soldados paraguaios foram mortos no combate, essa informação foi colhida segundo a “declaração de alguns prisioneiros tomados em uma canoa e que fugiam de um para outro lado do rio, entre esses prisioneiros achavam-se oficiais e um sargento” (GONÇALVES, 1942, p. 477).

Efraim Cardozo (1970, p. 7) abre o relato sobre o mês de maio de 1869 em sua famosa obra *Hace Cien Años* com o título: “*A nado se intenta abordar los monitores que se habian internado em el Manduvira*”. O mesmo lamenta a não conservação do periódico *Estrella*, pois poderia servir de base de dados sobre o fato. O autor cita Juan Emiliano O’Leary, o qual em uma de suas obras deixou escrito que “quando os paraguaios viram frustrados seus sacrifícios (se refere as obstruções no rio), intentam uma louca abordagem, lançando-se a nado sobre os navios imperiais, perecendo quase todos, fulminados pela metralha antes de chegar a eles” (CARDOZO, 1970, p. 7). Também menciona a correspondência do Cônsul Francês M. de Cuverville relatando à sua nação a nova abordagem, a nado, contra navios encouraçados.

Depois de uma luta porfiada, segundo as fontes brasileiras, nenhum paraguaio chegou a subir nos conveses. Os assaltantes restantes se retiraram “aos mergulhos para evitar as pontarias, deixando mais de 100 cadáveres naquele rio estreito, e em superfície muito limitada” (BORMANN, 1879, p. 18). Costa (1870, p. 241) escreveu sobre o fato: “200 homens valentes tentaram abordar os nossos monitores” a nado, “traziam facas afiadíssimas para degolar os brasilei-

ros” (COSTA, 1870). Sobre a derrota sofrida, escreveu Bormann (1879, p. 18): “o Marechal López, em vez de receber em seu quartel-general as cabeças ensanguentadas de nossos valentes marinheiros, teve mais uma vez de ouvir a narração dos detalhes de uma derrota em que perdera mais de 100 dos seus valentes”. Gonçalves calculou que a perda das tropas paraguaias foi de 50 a 100 homens.

No *Diário do Exército* foi relatado que os prisioneiros paraguaios mencionaram a perda do Capitão López (provavelmente o Capitão de Corveta Aniceto López, outrora responsável pelo envio da Frota paraguaia ao Manduvirá, segundo o historiador César L. C. Dominguez.¹² Jourdan (1890) citou, por sua vez, que dentre as perdas inimigas figurou o comandante da força, sem citar maiores informações. Na parte oficial do Chefe de Divisão Lomba, consta que “o capitão (Aniceto López?) foi morto pelo Imperial Marinheiro Belchior dos Reis Mello, como informa o comandante do *Piauí*” (JORNAL DO COMMERCIO, 26/05/1869). Gonçalves citou a “perda do Capitão Lopes, e talvez do Tenente Pereira” (Aniceto López e o Primeiro Tenente de Marinha Toribio Pereira?) (JORNAL DO PARÁ, 02/06/1869).¹³

Após Romualdo Nuñez deixar Guarayo, provavelmente o Major Montiel assumiu o comando de todas as forças, devido ao corpo de marinheiros permanecer no local. Talvez o comando dessa unidade passou ao Capitão de Corveta Aniceto López. Segundo investigação do historiador César L. C. Dominguez, é inexata a informação de que Aniceto López foi morto em Guarayo, devido a sua atuação em batalha ainda na guerra e suas ocupações políticas no pós-guerra na cidade de San Lorenzo em 1870.¹⁴

O CF Nuñez não estava presente no momento do combate por ter sido ordenado que voltasse ao quartel-general. Partiu ao amanhecer do dia 29 “quando iniciaram o bombardeio, eu e meu segundo (em comando), o Tenente González, tínhamos cami-

nhado cerca de meia légua do lugar, rumo a Ascurra, acompanhados de um assessor do Marechal” (SAGUIER & MARSAL, 2008).

Logo que foi “desobstruído o passo sobem de novo os navios e abrem intenso fogo contra as trincheiras” (GONÇALVES, 1942, p. 477). Gonçalves havia ordenado aos navios “seguirem águas acima, e demos fundo mesmo em frente à bateria, fizemos então ao inimigo fogo mortífero de fuzilaria e artilharia que o obrigou a ocultar-se nas suas trincheiras do outro lado do monte” (JORNAL DO PARÁ, 02/06/1869). Costa (1870, p. 240), corroborando, informa que os monitores “ancoraram mesmo defronte do inimigo e principiaram a metralhar ambas as margens”.

Bormann (1879, p. 17) comenta sobre a defesa paraguaia: “os paraguaios respondem com seus dois canhões e cobrem de balas de fuzil aqueles que aparecem no convés”. O correspondente do *Jornal do Commercio* (13/05/1869) menciona o modo que se desenrolou o combate: “os monitores ancoraram mesmo em frente do inimigo a queima-roupa e enquanto um metralhava uma das margens, os dois outros metralhava a outra [...]. O *Piauí* ancorou mesmo em frente da artilharia inimiga e ocupava o centro do combate”.

Um desembarque de 80 praças começou a ser efetuado por meio dos escaleres e lanchas, quando os marinheiros estavam “a meio caminho da bateria tinham cortado alguns paraguaios” (JORNAL DO COMMERCCIO, 26/05/1869). Ao interrogá-los, soube-se do número de inimigos presentes (1.100 homens)¹⁵, assim, Gonçalves ordena o reembarque imediato de suas tropas e “por ser mui difícil as lanchas vencer um grande banhado para chegar pelos flancos, como pela frente da bateria inimiga, e ainda mais porque o inimigo estava de posse de um pequeno monte, onde se ocultara em sua retaguarda” (JORNAL DO PARÁ, 1869). Sobre o desembarque, Balthazar da Silveira relata o ocorrido logo após recrudescer o tiroteio:

Depois desta victoria quiz Gonçalves dar um assalto as trincheiras e para esse fim reunio 80 praças, e em lanchas, escaleres e chalanas aprisionadas dirigiu-se para a entrada de uma pequena lagoa a retaguarda das trincheiras.

Ali chegando aprisionou uma chalana oculta entre a ramagem, dentro da qual estava o Tenente Lopez, comandante de um dos vapores e ajudante de ordens do Dictador, que lhe disse haver 1.200 homens de infantaria de prontidão e ser uma temeridade inexplicável esse assalto (SILVEIRA, 1900, p. 75).

Com o objetivo de ilustrar o local e parte das ações efetuadas durante o combate do Passo Guarayo, a Figura 1 foi elaborada seguindo os relatos encontrados nas fontes pesquisadas¹⁶, referentes às informações colhidas dos atores participantes do combate e dos escritos secundários sobre o feito.

As forças brasileiras “conseguem aprisionar dois oficiais e três praças¹⁷, cujos nomes são os seguintes: Tenente de Marinha Angelo Fernandes, Alferes Victorino Escato, Sargento Victorino Vasques, Marinheiro Agostinho Ortiz e Soldado de cavalaria Juan Flores” (TAUNAY, 1926, p. 39). Duas canoas também foram apreendidas, segundo Gonçalves. Após o combate, a Esquadriha:

Desceu o rio até sua foz sem mais acidente. A perda que sofreu foi de um único homem¹⁸, tendo somente seis feridos, entre os quais o bravo maquinista Júlio Raposo de Mello merece particular atenção por ter sido tocado duas vezes por bala, extraíndo com a própria mão o primeiro projétil que o ofendera (TAUNAY, 1926, p. 39).

Silveira (1900, p. 75), corroborando, expõe que “grande foi a mortandade e nós só

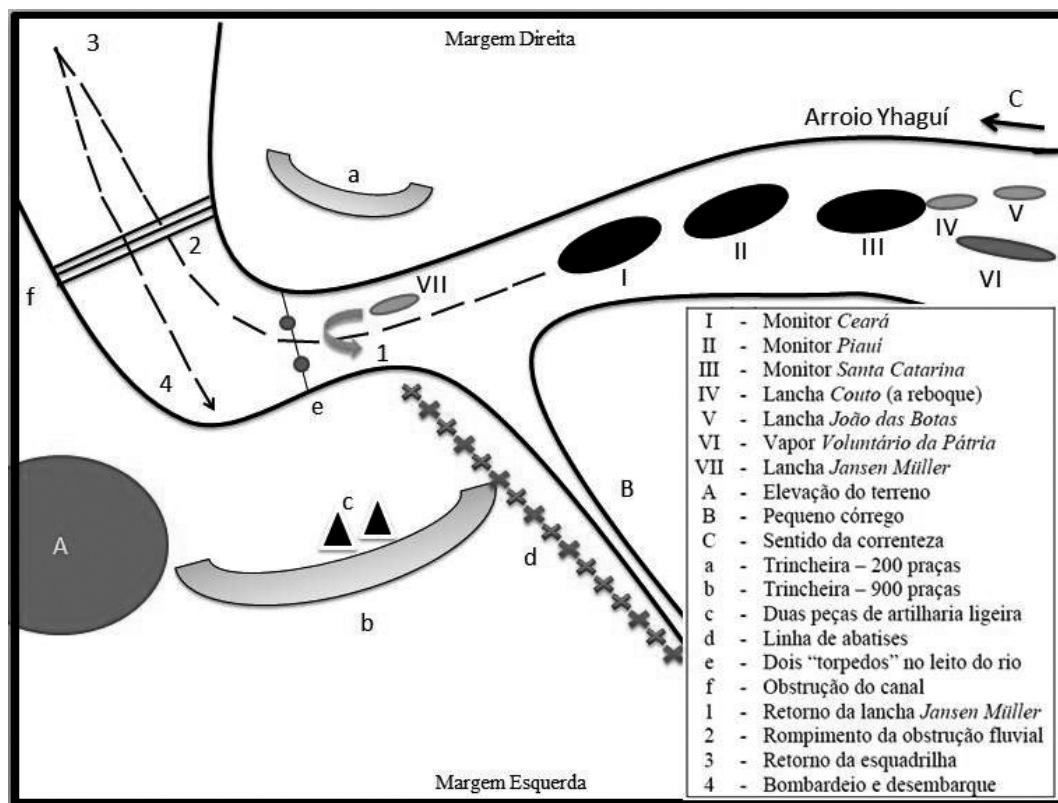


Figura 1 – Esboço esquemático do cenário do combate do Passo Guarayo¹⁹Fonte: Elaborado pelo autor com base na documentação pesquisada

tivemos uma meia dúzia de feridos”. Provavelmente Balthazar da Silveira não incluiu os dois homens mortos durante a subida da expedição, contabilizando apenas as baixas sofridas durante os forçamentos (comboio e no combate propriamente dito). No entanto, o quadro oficial dos ferimentos foi o seguinte:

Relação das praças feridas no forçamento do passo do Porto Guarayo:

Lancha *João das Botas* – Guarnição pertencente ao Encouraçado *Colombo*.

Maquinista Julio Raposo de Mello.

Imperial de 2ª classe José Correia.

Lancha *Jansen Müller* – Guarnição pertencente à Canhoneira *Belmonte*.

Imperial de 1ª classe João Fernandes Vieira.

Lancha *Couto* – Guarnição pertencente ao Encouraçado *Colombo*.

Imperial de 3ª classe Gregorio Cesario.

Bordo da Canhoneira *Araguary*, no Rio Manduvirá 30 de abril de 1869 – Victorio José Barbosa da Lomba, comandante da 1ª Divisão (JORNAL DO PARÁ, 02/06/1869, p. 1).

Posteriormente ao combate, os navios começaram a descer o rio às 13h, navegaram até as 18h, quando fundearam. No dia 30 começaram a navegar às 07h. Foi relatado por Gonçalves que o *Santa Catarina* se atracou com a canhoneira *Araguari* às “7 horas 30 minutos”, postada no Manduvirá acima, ponto que Gonçalves chama de Rio São Francisco. Na *Araguari*, o Chefe de Divisão (Lomba) ostentava sua insígnia e, logo após, “às 10 horas”, o monitor fundeou abaixo dessa canhoneira.

Na parte oficial do Chefe de Divisão, datada de 30 de abril, foi relatado que o Vo-

luntário da Pátria desceu o Rio Paraguai para Assunção levando os prisioneiros e a relação dos marinheiros feridos (acima transcrita). Estes não necessitavam de maiores cuidados por seus ferimentos serem de caráter leve. A chegada do *Voluntário da Pátria* foi acusada em ofício datado de 1º de maio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando não foi mais possível a Esquadilha avançar e se iniciou o movimento de retirada, a princípio parcial e depois total (devido ser notado a intenção das forças paraguaias em impedir a livre descida dos navios), surgiram os pontos de fortificações anteriores a Guarayo. Pelo *modus operandi*, é crível que partidas de soldados paraguaios subiram o rio, desde passo Guarayo, com a missão de retardar a navegação dos navios. Pelo fato dessas tropas não iniciarem combate com as guarnições quando a Flotilha se aproximava, presume-se que eram poucos homens a que foram atribuídas essas tarefas, corroborando a hipótese de que tais manobras foram realizadas com o intuito de ganhar tempo, para reforçarem as defesas em Guarayo.

Diante desses fatos, possivelmente, assim que a Esquadilha iniciou o retorno, as forças de cavalaria buscaram um ponto para obstruir o canal, já que o Marechal López informou a Nuñez que o Major Montiel estava nas margens do Rio Yhagúí “com o mesmo fim” (impedir a passagem dos navios) a que lhe havia ordenado. Só depois da chegada das tropas de cavalaria foi que o Batalhão de Marinha chegou ao ponto, após ter sido ordenado a marcha para o local (estavam estacionados em Capilla Alfonso). Provavelmente chegaram em Passo Guarayo no dia 26 ou 27 de abril.

Já em Guarayo, Nuñez observou a oportunidade de utilizar pedras para interceptar o passo dos navios, provavelmente com a construção de uma muralha no canal navegável, o que lhe foi negado por Montiel, que devia deter o total comando das forças naquelas paragens. Montiel ainda informou ao Marechal López que Nuñez ali nada fazia, sendo ordenado que deixasse o comando de suas tropas e rumasse para o acampamento do grosso das forças paraguaias (isto no dia 29, antes do combate de Guarayo). Montiel ordenou lançar ao canal entulhos de toda a espécie que arrecadou nas vizinhanças e subestimou a Esquadilha de monitores, informando ao marechal que os navios estavam “encerrados”.

Com a subida das duas lanchas e do *Voluntário da Pátria*, e devido aos pontos de defesas já ultrapassados, o efeito surpresa por parte das tropas paraguaias foi perdido, tendo provavelmente, os oficiais da Esquadilha, tomado todas as precauções para a batalha que iria se desempenhar.

Possivelmente no momento em que as tropas paraguaias observaram que os monitores iriam passar pelas defesas, a abordagem foi ordenada. Infelizmente não foi possível encontrar muitas informações quanto ao que se pode nomear como o ápice do combate, mas o que é certo é que tal manobra redundou em grande fracasso. Os monitores disparavam metralha a curta distância, dispunham de seteiras e suas guarnições estavam munidas de armas de curto e longo alcances. Em contrapartida, as forças paraguaias dispunham de duas peças de artilharia ligeira e débeis armas de chispa, em um ambiente provavelmente molhado e com chuva. Os abordantes só poderiam estar armados com facas e sabres, além de terem que nadar até os navios ou se lançarem dos galhos das árvores. A chance de sucesso em uma abordagem com estas características a navios encouraçados, do tipo monitor, era quase nula.

Depois deste episódio, dois navios passaram pela obstrução, sendo logo em seguida ordenado o seu retorno para rivalizar novamente com as tropas inimigas. Os monitores subiram e metralharam as forças paraguaias, estas se abrigaram na trincheira e na parte traseira de

uma elevação do terreno. Os navios desembarcaram tropas, sendo as mesmas rapidamente reembarcadas após aprisionarem alguns soldados e oficiais e descobrirem o número real de forças inimigas no local. Após isso, os monitores desceram o rio sem mais obstruções.

Diante da análise dos documentos obtidos, o fracasso da operação de tomada dos monitores por parte das tropas paraguaias se deu em grande parte devido ao não aproveitamento da ideia do CF Romualdo Nuñez, que poderia ter impedido a descida dos navios. Após o término da segunda expedição, a muralha de pedras proposta por Nuñez fora ali levantada (sendo a mesma citada nos documentos ligados à terceira expedição ao Manduvirá e descrita pormenorizadamente na expedição efetuada após o término das operações naquele rio pelo oficial de Marinha Júlio César de Noronha, *vide* o periódico *O Despertador* (01/01/1870 e 04/01/1870), com o objetivo de impedir novas incursões navais, obra que provavelmente poderia ter sido executada com o auxílio dos cerca de mil soldados disponíveis no local.

Caso a muralha tivesse sido construída, os monitores não poderiam desembarcar marinheiros sem oposição para retirar as obstruções, e mesmo que os navios informassem ao restante da frota, com sinais de foguetes, o auxílio tardaria a chegar, pois os demais monitores se encontravam em outras operações, no Cerrito, Tebiquary, etc., o que colocaria em sérios apuros a Esquadriha comandada por Gonçalves. Com base na descrição do combate, pode-se aferir que em Guarayo, caso o plano de Nuñez fosse levado a cabo, as tropas paraguaias teriam a maior probabilidade de êxito em abordar naves encouraçadas durante a guerra, devido às características desta e das demais tentativas de abordagem ocorridas.

REFERÊNCIAS

Periódicos

Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira (<http://memoria.bn.br>):

Diario de Pernambuco, Pernambuco, 1868-1870.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 1868-1870.

O Despertador, Desterro (Santa Catarina), 1860-1889.

Jornal do Pará, Belem, 1860-879.

Bibliografia

BORMANN, José Bernardino. *História da Guerra do Paraguay*. Volume III. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1897.

BRASIL. *Annaes do Senado Imperial do Brazil*, Livro 1, 1879.

CARDOZO, Efraim. *Hace cien años: crônicas de la guerra de 1864 – 1870*. Tomo XI, Asunción: Ediciones EMASA, 1970.

CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias o reminiscencias históricas sobre la Guerra Del Paraguay*. (Tradução nossa). Tomo IV. Buenos Aires: Imprenta de Obras, de J. A. Berra-Bolívar, 455 pg., 1897.

COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da Guerra do Brasil Contra as Republicas do Uruguay e Paraguay*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Livraria de A. G. Guimarães e Cia. 1870.

DOMÍNGUEZ, César Luciano Cristaldo. *Las Batallas Navales* (guerra de la triple alianza). Colección 150 años de la Guerra Grande, n. 10. Asunción: Ed. El Lector, 2013.

FIGUEIREDO, Afonso Celso de Assis. (Visconde de Ouro Preto). *A Marinha D'outrora*: (subsídios para a história). Coleção Jaceguay, 3ª edição. Rio de Janeiro: SDGM, 1981.

GONÇALVES, Alberto Augusto. Traços biográficos do Almirante Gerônimo Francisco Gonçalves. In: *Subsídios para a História Marítima Brasileira*. Volume IV. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1942.

JOURDAN, Emílio Carlos. *Guerra do Paraguay*. Rio de Janeiro: Laemmert & C. 1890.

MASTERMAN, Jorge Frederico. *Siete años de aventuras en el Paraguay*. Traducido por David Lewis. Buenos Aires: Imprenta Americana, 1870.

NUÑEZ, Romualdo. Memórias Militares. In: SAGUIER, Bareiro; MARSAL, Villagra. *Testimonios de la Guerra Grande: muerte del Mariscal López*. Tomo II. Edición 1, Paraguay, 2008.

RESQUÍN, Francisco Isidoro. (General). *Datos Históricos de la Guerra del Paraguay contra la Triple Alianza*. E. M. G. Imprenta Militar, 1942.

SILVA, Theotônio Meirelles da. *História Naval Brasileira*. Rio de Janeiro: B. L. Garnnier, 1884.

SILVEIRA, Carlos Balthazar da. *Campanha do Paraguay à Marinha Brasileira*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1900.

SOARES, Rodrigo Goyena. *Diário do Conde D'Eu*: comandante em chefe das tropas brasileiras em operação na República do Paraguai. Paz e Terra, 2017.

TAUNAY, Alfredo D'Escagnolle. (Visconde de Taunay). *Diário do Exército*: campanha das cordilheiras. São Paulo: Melhoramentos, 1926.

THOMPSON, George. *A Guerra do Paraguai*: com um esboço histórico do país e do povo paraguaio, e notas sobre a engenharia militar durante a guerra. Traduzida do Inglês e anotada por Homero de Castro Jobim. Coleção Temas Brasileiros, vol. 8. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, 1968.

NOTAS

¹ O Primeiro-Tenente Carlos Balthazar da Silveira nomeia o Yhaguí de Manduvirá e este de São Francisco, ao que tudo indica, Gerônimo Gonçalves também assim procede.

² Localidade em que o leito do rio permite o trânsito de pessoas e/ou veículos de uma margem à outra, sem a necessidade de construções como pontes ou aterros.

³ Para Theotônio Meirelles da Silva (em: *História Naval Brasileira*, p. 366) as lanchas saíram no dia 22, o que segundo os documentos oficiais é inexato.

⁴ Para Balthazar da Silveira, a distância entre as duas Esquadrilhas era de 1.500 metros em linha reta. Já para Emílio Carlos Jourdan, os monitores ficaram mais de meia-légua do ponto onde estavam os navios paraguaios.

⁵ Como esperava os outros monitores se o *Santa Catarina* obrigatoriamente, pela estreiteza do canal, devia estar na retaguarda? Provavelmente Gonçalves estava a bordo da Lancha *Couto* ou mesmo no Monitor *Ceará*.

⁶ Gonçalves mencionou que no segundo ponto defensivo havia apenas uma única trincheira, construída na margem esquerda do rio. Jourdan assevera que havia uma trincheira em cada margem.

⁷ Segundo o *Diário do Exército*, e conforme a Ordem do Dia nº 57, as lanchas chegaram à foz no dia 25 à noite. O *Diário* também menciona que uma terceira lancha (a *Couto*) foi remetida um dia após a saída das duas primeiras, fato não citado em nenhum outro documento analisado.

⁸ Na parte oficial, o referido navio é citado apenas como "*Voluntário*", sendo provavelmente o Aviso de Guerra *Voluntário da Pátria*.

⁹ Resquín chama o ponto de passo Jecayó; o *Diário do Exército* – Quarayó; Centurión e Balthazar da Silveira – Garayo; Bormann – Gurajo.

¹⁰ Balthazar da Silveira mencionou que uma corrente estava em terra. Provavelmente as tropas paraguaias não tiveram tempo de colocá-la em posição, sendo que depois do combate foi apreendida pela Esquadilha.

¹¹ A primeira tentativa de abordagem ocorreu contra o Monitor *Alagoas* em frente ao Timbó, logo após a primeira Passagem de Humaitá; a segunda foi em 2 de março contra os encouraçados alocados entre Curupaity e Humaitá; a terceira ocorreu próximo a Tagy, na noite de 9 para 10 de julho. As três ocorreram no ano de 1868. A quarta foi durante o combate do Passo Guarayo em 29 de abril de 1869.

¹² DOMÍNGUEZ, César Luciano Cristaldo. *Las Batallas Navales* (guerra de la triple alianza). Colección 150 años de la Guerra Grande, n. 10. Ed. El Lector. Asunción, Paraguay, 2013. Sobre a fonte de tal informação, o autor cita que foi encontrada em "fonte brasileiras", sem citar a mesma. A informação também é citada em outra obra do mesmo autor: *Biografía de los comandantes de la Marina de Guerra de 1865*.

¹³ Ver DOMÍNGUEZ, César Luciano Cristaldo. *Biografía de los comandantes de la Marina de Guerra de 1865*.

¹⁴ Ver: Benigno Riquelme García. El Ejército de la Epopeya. Onde fica assinalado a incorporação de Aniceto López as forças do General Bernardino Caballero, onde teve o papel de comandar tropas durante a batalha de Campo Grande ou "Acosta Ñu".

¹⁵ Carlos Balthazar da Silveira mencionou 1.200 homens.

¹⁶ Cabe, porém, ressaltar que existem importantes documentos que poderiam trazer mais luz a esse combate, os Diários de Bordo dos monitores que se encontram depositados no Fundo Marinha, de posse do Arquivo Nacional – RJ, os quais infelizmente não puderam ser pesquisados por questões logísticas e financeiras.

¹⁷ O Visconde de Ouro Preto elevou o número de prisioneiros a 80, provavelmente confundindo com o número de tropas desembarcadas.

¹⁸ Morto por afogamento acidental ainda na subida da expedição, ocupava o cargo de maquinista do Monitor *Piauí*. Outro marinheiro, Hilário Pereira, morreu, segundo relatado nas partes oficiais, por acidente ao carregar uma arma de fogo a bordo do Monitor *Ceará*. Na correspondência do *Jornal do Comércio*, de 13 de maio de 1869., p. 1, o ato combativo do médico da Esquadilha Dr. Oliveira Coutinho é enaltecido, sendo mesmo relatado que foi atingido por duas vezes em pleno combate e extraindo com a própria mão um dos projéteis. O suposto ferido não consta na relação de baixas. Provavelmente o verdadeiro personagem a que foi atribuída tal ação é o maquinista Júlio Raposo de Mello, louvado pelo Chefe Lomba por idêntica atitude em combate.

¹⁹ Balthazar da Silveira escreveu sobre a existência de uma lagoa, a qual não foi inserida no esboço por ser, provavelmente, o pequeno riacho que se encontrava com suas águas extravasadas.